



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

ELES NÃO OUVEM, NÃO VÊM, NÃO SABEM. APENAS NEGAM TODOS OS FATOS.



MAS OS FATOS NÃO MENTEM. SÃO FATOS E, COMO TAL, VIRAM NOTÍCIAS.



ELES CHEGARAM AO PODER COM A BANDEIRA DA ÉTICA, COM O DISCURSO DE UM NOVO TEMPO.



ABRIRAM CRÉDITO FÁCIL PARA TODOS. CRIARAM CONSUMIDORES AO INVÉS DE CIDADÃOS.



Cláudia

NÃO SABEM Eles não ouvem, não vêm, não sabem. Negam todos os fatos. Contestam todas as acusações. Mas os fatos não mentem. São fatos e, como tal, viram notícias. Notícias vindas de investigações policiais. Fatos comprovados em documentos, em escutas telefônicas autorizadas e nos tribunais. A corrupção cresce e aparece, ano após ano. Mas o mais triste de tudo isso é a incompetência da gestão pública que tomou conta dos ministérios, autarquias e estatais.

NUNCA ANTES... Eles chegaram ao poder com a bandeira da ética, com o discurso de um novo tempo. Arrogantes, disseram que a nação começava com eles. Chegaram a afirmar que “nunca antes neste país” ocorreram tantas maravilhas quanto a que eles estavam trazendo. Jogaram por terra tudo que havia sido feito antes. Desconstruíram, aos poucos, os bons manuais planejados anteriormente. Distribuíram todo tipo bolsas. Estimularam a preguiça e a acomodação. Abriram crédito fácil para todos. Criaram consumidores ao invés de cidadãos.

MAROLAS Não precisaram de muitos anos para mostrar o tipo de novidade que estavam trazendo. O embate entre a “planície e o planalto” revelou o estilo de governo que eles estavam implantando. Navegaram em marolas fictícias. Não souberam aproveitar os bons ventos que sopraram a nosso favor quando a crise mundial devastou as economias das nações desenvolvidas.

REFÊNS Usaram o capital fácil, que migrou do hemisfério norte em busca de novos mercados para financiar o consumo. Deixaram de investir em infraestrutura e na produção. Não qualificaram os serviços públicos. Não cuidaram dos sistemas de saúde. Ignoraram a educação. Fizeram vista grossa para a mobilidade urbana. Esqueceram os manuais contemporâneos de desenvolvimento. Preferiram adotar a velha cartilha da esquerda superada e ineficaz. Ficaram reféns dos antiquados “coronéis” nordestinos e suas perversas políticas de apadrinhamento e fisiologismo.

IMPLOSÃO Como “cracas”, agarram-se ao poder e, para isso, começaram a implodir instituições com décadas de serviços prestados ao país. Na diplomacia inverteram os polos das boas negociações e foram se unir aos piores parceiros do jogo global. Fizeram contratos equivocados, alguns sem contrapartida e outros sem documento legal. Construíram portos em outras terras, enquanto os nossos, sucateados, não davam conta de escoar a produção. Doaram refinarias ao vizinho, perdoaram dívidas de países africanos. Usaram os recursos públicos nacionais para fazer obra em terras estrangeiras, à custa de uma impiedosa carga tributária extraída da população.

FANTASIA Criaram um país imaginário forjado por marqueteiros pagos a peso de ouro. Mas o país imaginário teve as vidraças quebradas pela fúria da nação. Revoltado com tanta mentira, o povo ganhou as ruas e praças gritando por melhores condições. Acordados do sonho cor de rosa que embalava este esdrúxulo projeto de nação, o governo ficou calado e acuado diante da realidade gritante que aflige os corações e mentes nacionais.

MUNDO REAL Pão e circo não são mais capazes de calar o mundo real. Nem o futebol, paixão nacional, pode conter a revolta popular. E os altos custos dos estádios viraram moeda de ira na boca e nos cartazes expostos nas avenidas: “queremos hospitais padrão Fifa”; “queremos educação de qualidade”; “queremos transporte público eficaz”. Assustados, os donos do poder responderam: “isso é parte do jogo democrático”. Esqueceram-se que democracia sem resultados é como moinho sem vento: não se movimentam, não mói o trigo e não produz.

REVOLTA “A gente não quer só comida”, já cantavam os Titãs. Por isso mesmo não há “fome zero” que sobreviva a tantos equívocos. Afinal, o povo paga caro por tudo o que consome. Nas favelas, os esgotos continuam correndo a céu aberto. Nos ônibus abarrotados de desconforto e preço alto, o tempo perdido corre solto em horas de aborrecimento e maus tratos. No trabalho, a desqualificação, estimula os baixos salários e a baixa estima. Nas escolas, professores despreparados alimentam a evasão e a falta de educação. No final, sobra a revolta, que busca na contravenção o pão nosso de cada dia. Uma contravenção que alimenta a violência, estimula o crime e a degradação.

TRAIÇÃO Esta triste história revela uma grande traição. Por causa da inflação descontrolada, vai devolver à pobreza aqueles que de lá vieram. Também está tirando o emprego do povo porque não investe na produção. Está condenando o país à miséria porque não investe na educação. Estimula o crime e a bandidagem com os péssimos exemplos de negociações com doleiros, cachoeiros, nanicos e contraventores que hoje circulam pelos corredores do Estado.

OMISSÃO Talvez, por isso mesmo, eles nada sabem, nada ouvem, nada falam. Diante de tantos equívocos, a omissão tem sido a melhor tática. Eles preferem dizer que não sabiam.